

“Tomai, comei, isto é meu corpo”: silenciamentos em torno da peça “Jesus, a rainha do céu”

“Tomad, comed, esto es mi cuerpo”: silenciamentos alrededor de la pieza “Jesus, a rainha do céu”

André Cavalcante²

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. [...] e o verbo se fez carne, e habitou entre nós.
(João 1: 1-7)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as formas de silenciamento sobre a peça Jesus, a rainha do céu. Tal peça foi encenada no Brasil por uma atriz trans que representava Jesus como uma pessoa transgênero e reatualizava seus ensinamentos para os dias atuais. Esse fato causou muita controvérsia na mídia, embates discursivos e silenciamento sobre corpos e sujeitos-travesti, mas também resistência. A forma como essa peça foi interdita e discursivizada na mídia diz respeito também à forma como transgêneros são silenciados na sociedade. Portanto, aqui iremos refletir, a partir da Análise do Discurso materialista, sobre a produção de discursos a respeito de algumas matérias jornalísticas que circularam em Pernambuco durante o ano de 2018, com vistas a compreender como a religião e a política afeta a vida de sujeitos-trans e as implicações de Jesus ser representado como uma travesti em uma encenação teatral.

Palavras-chave: Silenciamento. Travesti. Interdição. Resistência

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre las formas de silenciamiento sobre la pieza Jesús, la reina del cielo. Esta pieza fue presentada en Brasil por una actriz trans que representaba a Jesús como una persona transgénero y reactualizaba sus enseñanzas para los días actuales. Este hecho causó mucha controversia en los medios de comunicación, embates discursivos y silenciamientos sobre cuerpos y sujetos travestis, así como favoreció un movimiento de resistencia. La forma en que esta pieza fue interrumpida y discursivizada en los discursos mediáticos se refiere también a cómo transgéneros son silenciados en la sociedad. Por lo tanto, aquí reflexionamos, a partir del Análisis del Discurso materialista para analizar noticias periodísticas que han circulado en Pernambuco durante el año de 2018, para comprender como la religión y la política afecta la vida de los sujetos-trans y las implicaciones de Jesús ser representado como una travesti en una escena teatral.

Palabras-clave: Silenciamiento. Travesti. Interrupción. Resistencia

Recebido em: 10/08/2020.

Aceito em: 30/09/2020.

¹ Agradeço a leitura e sugestões de Vanise Medeiros, Leo Arrighi, Michel Marques e Thaís Costa. Os equívocos e lapsos que podem ter permanecido são de minha inteira responsabilidade.

² Pós-doutorando pela FFCLRP-USP. Doutor em Estudos de Linguagem pela UFF pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista nota 10 - Faperj. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7654-3704>.

Ritos Iniciais

Para começo de conversa, lembramos que as inquietações sobre o princípio do mundo, da vida, sempre estiveram presentes nas elucubrações e pesquisas humanas. Nas escrituras, por exemplo, no evangelho de João, afirma-se que, antes que qualquer coisa existisse, já existia Deus, que é eterno. O verbo, a palavra e a ação são associados à figura de Jesus, que, como diz o evangelista, sempre esteve com Deus, o é também, se fez carne (homem) e habitou entre os viventes.

No campo da linguagem, haveria então a primeira palavra? O primeiro discurso? Bakhtin (1993), em *Questões de Estética e Literatura*, já apontou que só o Adão mítico chegou com a primeira palavra no mundo a ser discursivizado. Assim, também é para a psicanálise, os sujeitos antes do seu nascimento já são falados, já possuem história inscrita no nome próprio, ou seja, são desde antes discursivizados.

Para a Análise do Discurso materialista, teoria que dá suporte a esse trabalho, também não se pode localizar “início” dos dizeres, tampouco quem foi o primeiro sujeito a produzir um determinado discurso, uma vez que os sujeitos não são as fontes dos seus dizeres nem controlam os sentidos produzidos na/pela linguagem. Os discursos, portanto, estão dispersos no interdiscurso, onde circulam todos os dizeres já ditos (PÉCHEUX [1975] 2009).

Nesse sentido, o “início” da nossa reflexão se dá através dos discursos sobre a peça *Jesus, a rainha do céu*, visto aqui como o ponto de partida das discursividades analisadas nesse trabalho. No entanto, esse começo vem de também antes, de um lugar que não temos acesso, posto que os discursos são produzidos na relação das estruturas-funcionamento do inconsciente e da ideologia.

A peça teatral referida foi escrita originalmente pela atriz e escritora trans Jo Clifford no período posterior seu processo de transição de gênero. Clifford, mesmo sendo uma católica, foi proibida de entrar na igreja por ser transgênero e se identificar com o gênero oposto ao qual ela foi designada ao nascer. Na peça, Jesus retorna a terra como uma mulher trans e suas palavras, ensinamentos e vivências são atualizadas para o contexto atual, em que pessoas trans são excluídas e marginalizadas. As parábolas, a forma pela qual o Jesus bíblico passava seus ensinamentos, são contextualizadas com o tema da transgeneridade. Esse espetáculo foi assistido em sua versão original por Nathalia Mallo, diretora de teatro, que logo pensou em trazê-lo para o Brasil, uma vez que, para ela, era necessário que o público brasileiro refletisse sobre questões entre gênero e espiritualidade. Então, a rainha do céu foi protagonizada, nos palcos brasileiros, pela atriz trans Renata Carvalho. A primeira encenação ocorreu em Londrina, ainda que com alguns protestos e polêmicas, os quais a seguiram pelos locais por onde passou, implicando também a sua censura em algumas cidades.

Nesse cenário de debates sobre Jesus poder ser ou não representado por uma travesti, chama a atenção a censura que a encenação teatral sofreu em Pernambuco, durante o Festival de Inverno de Garanhuns (FIG), em 2018, onde outros artistas que defenderam a liberdade de expressão artística também foram criticados. Aqui, visamos, portanto, compreender quais sentidos se produzem ao se interditar tal peça e, por conseguinte, o silenciamento dos corpos trans na conjuntura atual. Para tanto, analisaremos duas notícias sobre a proibição da peça teatral e seus respectivos comentários em dois dos maiores portais de notícia pernambucanos.

Mobilizaremos, aqui, as noções de sujeito, corpo, sentidos, linguagem, silenciamento e ideologia, fundamentaremos nossos questionamentos na Análise do Discurso, tal como preconizada por Michel Pêcheux, na França, e reterritorializada por Eni Orlandi e outros pesquisadores brasileiros.

Ritos da Palavra

Um corpo travesti encenar um dos maiores personagens da história cristã aparentemente causa mais polêmicas de que o número de mortes violentas e agressões sofridas pela população trans brasileira. Historicamente, tais corpos são marginalizados, deslegitimados, silenciando-se sentidos que destoam da cisnormatividade.

Para Vergueiro (2016), o prefixo latino “cis” é o oposto de trans quando pensamos as identidades de gênero. Portanto, o que chamamos de cisnormatividade, neste trabalho, são os discursos que têm como efeito a sua institucionalização como regra social, inferiorizando, discriminando e excluindo as identidades trans. Em outras palavras, trata-se de um efeito da ideologia dominante que põe como evidentes determinados sentidos em detrimento de outros para o que é ser homem ou mulher na sociedade. Observa-se que as normas sociais, o patriarcado, o Estado e a Igreja, através dos Aparelhos Ideológicos do Estado, produzem, há longas datas, interdições sobre determinados corpos. Passemos, então, a uma breve discussão sobre a interdição do/no corpo.

Na tradição judaico-cristã, pautada na Bíblia, é dito que, em um dado momento ainda no Gênesis, no capítulo 3, Adão e Eva desobedeceram a Deus e sentiram vergonha ao perceber que estavam nus. Então, se cobriram com folhas de figueiras. Esse mito bíblico, ao meu ver, funda uma interdição sobre os corpos, que precisam estar cobertos, guardados da vista alheia, mas, também, um sentimento de culpa cristã, do pecado e da culpabilização da mulher (Eva), por ser aquela que levou o homem a pecar. Ou seja, seguindo a tradição judaico-cristã que colonizou nosso imaginário ocidental, o corpo sempre foi punido por ser fonte do pecado.

Em *História do Corpo*, Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello (2012) apontam que a fé no corpo de Cristo, como concebe(u) a Igreja católica desde seu surgimento, é o que eleva os fiéis à salvação, pois a vida eterna é mais válida que a terrena. Assim, a fé no corpo de Cristo que foi encarnado na hóstia é o que eleva os fiéis católicos, como seres falhos incompletos, à eternidade. Para o cristianismo, segundo Gelis (2012), a materialidade do corpo tem uma imagem central, uma vez que, como já apontamos, concebe-se desse lugar que o Verbo se fez carne. Ademais, Jesus sofreu martírios, teve seu corpo torturado, depois ressuscitou e a partir de então passou a celebrar o corpo de Cristo. No entanto, o corpo, para os fiéis, segue sendo um impasse pois é fonte de sofrimento, impedimento de ser semelhante a Deus, mas, ao mesmo tempo, templo e morada do senhor, devendo ser respeitado e guardado. Assim, entendemos que, os sujeitos-cristão experienciam, através do corpo, o funcionamento da contradição, produzida pela ideologia.

Ainda do ponto de vista da Antropologia do corpo, em *História do corpo*, passando para a Idade Média, Matthews-Grieco (2012) reflete que não havia uma separação nítida entre o privado e o particular dos sujeitos. Nessa época, a sexualidade era reprimida e sua função era socialmente tida como reprodutiva. Assim, o que escapava dessa ótica era tido como crimes contra a moral e a religião, e, as corporeidades transgressoras deviam ser

controladas pelas instituições como o Estado e a Igreja. Como aponta Foucault em *Vigiar e Punir*, o corpo é controlado pelas instituições nos sistemas punitivos. Assim, até o século XIX, os corpos eram punidos, posteriormente, o controle sobre estes se deu através da vigilância. O autor observa as corporeidades como um objeto político, como força de produção no qual incidem as relações de poder e de dominação que visam a disciplinarização dos corpos para que eles sejam submetidos à ordem social. E, assim, surgem “corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 2014 [1975] p. 136). Nessa análise dos sistemas prisionais, o filósofo cita o exemplo dos pan-ópticos como sistema ideal do controle dos corpos e também como um experimento social no qual os sujeitos são vigiados de uma torre de controle que exerce poder sobre os corpos aprisionados. O autor traz esse sistema criado pelo jurista e filósofo inglês Jeremy Bentham, em 1785, para fazer um paralelo com a dominação de classes da sociedade moderna em que diversas esferas sociais como a Igreja, o Estado, a Família, praticam uma vigília sobre o corpo social com vistas à domesticação destes.

Semelhante aos pan-ópticos modernos que exercem poder sobre os corpos, Althusser (1995 [1969]), do ponto de vista do materialismo, refletiu, anteriormente, sobre os aparelhos Ideológicos do Estado, como a Igreja, a política, a escola, a mídia, e entre outros instituições, que controlam os sujeitos sob a ótica da Ideologia dominante a fim de manter a engrenagem do sistema de reprodução vigente, como já pontuamos anteriormente.

Agora, já nos posicionando do ponto de vista da Análise do Discurso materialista, nos aproximando da teoria do discurso, entendemos que as práticas ideológicas que visam interditar sentidos sobre o gênero principiam de uma interdição aos corpos. Como reflete Leandro-Ferreira, o corpo pode ser encarado como “(1) como lugar de observação do sujeito, (2) como objeto de investigação e (3) como ferramenta, isto é, como categoria teórica” (LEANDRO-FERREIRA, 2015, p. 13). Assim, a partir desse tripé, encaramos que a noção de corpo, não do ponto de vista biológico, mas como uma construção sócio-histórica que consiste no lugar material do sujeito a partir do qual se podem produzir sentidos. Dessa maneira, também podemos compreender o corpo como material de investigação e categoria teórica, como observamos nessa pesquisa, É, pois, nesse sentido, que trazemos para a nossa reflexão a afirmação bíblica de que o verbo se torna carne, isto é, a carne enquanto corpo sobre o qual os sujeitos (re)produzem sentidos ao se subjetivarem na/pela linguagem. Assim, fazendo parte de uma formação social onde a ideologia dominante produz as evidências de sentidos, os corpos são submetidos às práticas ideológicas da conjuntura atual. E os corpos que escapam a esse ritual de dominação, fomentado pelo conservadorismo, patriarcado, classismo, sofrem as revelias e ficam à margem da sociedade.

Pensando a população trans, podemos citar a Operação Tarântula, em São Paulo, entre os anos 70 e 80, que visava eliminar a circulação de travestis pelas ruas paulistanas. Assim, “travestis prostitutas eram presas/torturadas/mortas para avaliação da sua ‘periculosidade’ pela polícia. Após a suspensão dessa medida, a população se armou e passou, ela mesma, a torturar e assassinar as travestis em massa” (COELHO, 2017, p. 70). Esse é um exemplo de como essa população foi e ainda é vítima de violências na nossa sociedade, apenas por não se identificarem com o gênero estabelecido no nascimento. Tal violência, como vemos noticiada em perfis de militância, e também nos recortes aqui analisados, se dá tanto no nível físico quanto no simbólico. A população trans é torturada,

morta, silenciada e deslegitimada todos os dias, mas resistem, ao produzir sentidos não dominantes sobre masculinidade e feminilidade para além dos já-ditos sobre os gêneros.

Para pensar a interdição de sentidos e violência, no que diz respeito à transgeneridade e a peça aqui analisada, trago à baila a teorização de Orlandi (2013) sobre as formas do silêncio. A autora relaciona a noção do silêncio com o dizível e o indizível e, metodologicamente, divide-o em duas modalidades: o silêncio fundador, da ordem do lugar da significação, e a política do silêncio, que se refere a pôr em silêncio determinados sentidos. Orlandi (2013, p. 11) elucida que é importante compreender antes que “há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram o silêncio”. Este seria, portanto, a primeira forma do silêncio. Já o estudo do silenciamento, que consiste na segunda modalidade, trata-se do “pôr em silêncio” (ORLANDI, 2013, p. 11) revela um processo de sentidos que são silenciados através de não-ditos.

Em continuidade, sobre o silêncio fundador, a autora expõe que o silêncio consiste, conforme a autora, no “lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (ORLANDI, 2013, p. 13). Sendo, portanto, o lugar onde os sentidos possíveis são múltiplos, permitindo a movimentação do sujeito. Esse modo de existência do silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas e faz com que os sentidos (co)existam é tido como silêncio fundador. No entanto, alerta a autora, fundador não significa que é originário, nem absoluto, mas que é a garantia dos sentidos. A política do silêncio, colocar em silêncio determinados sentidos, ainda se subdivide em:

- 1.) Silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as “outras” palavras); e 2) o silêncio local, que se refere à censura propriamente (aquilo que é proibido de dizer em certa conjuntura). Isso tudo nos faz compreender que estar no sentido com palavras e estar no sentido com silêncio são modos absolutamente diferentes entre si. E isso faz parte da nossa forma de significar, de nos relacionarmos com o mundo, com as coisas e as pessoas (ORLANDI, 2013, p. 24).

Assim, essa forma de silêncio se materializa na linguagem tanto na ordem sintagmática, ou seja, para se dizer uma palavra necessariamente não se está dizendo outras; e também pela interdição de dizeres que não se pode/ não se deve dizer em uma conjuntura, mas que, ao serem silenciados, também produzem sentido. Ao se observar, por exemplo, as discursivizações sobre transgeneridade, essas formas de silenciamento se apresentam pelas escolhas lexicais e argumentativas que (des)legitimam a identidade de gênero e, também, pela censura no que pode ou não ser dito nos embates discursivos sobre os corpos trans. Ao analisar os tipos de silêncio na movimentação dos sentidos, a autora propõe que o silêncio significa e sua forma material inscreve-se no discurso, sendo, assim, possível refletir sobre seu funcionamento na linguagem. Ancorados na reflexão dessa noção e de outras da Análise do Discurso, propomos analisar as formas de silenciamento em torno da peça “Jesus, a rainha do céu”, quando da sua (não) apresentação³ no Festival de

³Houve uma apresentação independente da peça depois da retirada da programação do FIG, financiada por uma vaquinha online. No entanto, durante a peça, agentes do Tribunal de Justiça de Pernambuco federal interromperam a realização dela, retirando luz, som, cadeiras ,etc. Durante a interrupção houve gritos contra a censura.

Outras informações em <https://www.folhape.com.br/diversao/diversao/diversao/2018/07/27/NWS,76238,71,552,DIVERSAO,2330-APOS-NOITE-CONFUSAO-GARANHUNS-TJPE-DETERMINA-EXIBICAO-PECA-COM-JESUS-TRAVESTI-ESTE-SABADO-FIG.aspx>, Acesso em 21 maio 2019.

Inverno de Garanhuns, em Pernambuco, no ano de 2018.

Ritos de Comunhão

Para o gesto de análise de como as interdições da peça “Jesus, a rainha do céu”, dizem respeito a como as pessoas trans e seus corpos são discursivizados na sociedade, trago duas matérias de dois jornais eletrônicos de grande circulação em Pernambuco, um dos lugares onde a peça teatral foi proibida, com vistas a analisar as formas de silenciamento que se inscrevem em tais matérias e de seus respectivos dizeres.

Como pontuamos anteriormente, a política de silenciamento nos discursos aqui analisados é uma forma de interditar corpos e sentidos produzidos por eles no que diz respeito à transgeneridade, como analisado em nossas materialidades.

Na imagem abaixo, feita a partir de um *print* da matéria da página on-line da Folha de Pernambuco, encontram-se discursos de diferentes sujeitos sobre a referida encenação artística. Metodologicamente, compreendemos como Sequência Discursiva (SD), de materialidade verbal e não-verbal, mas que, para as análises, será desmembrada entre a matéria principal e seus comentários.

SD1⁴

GERAL

Após polêmica, Governo retira do FIG peça com Jesus travesti

Prefeito de Garanhuns havia criticado a peça, que tem a atriz transexual Renata Carvalho no papel de Jesus

Por: Folha de Pernambuco em 30/06/18 às 15H04, atualizado em 30/06/18 às 16H33



Depois de muita polêmica, o Governo de Pernambuco decidiu, neste sábado (30), cancelar a apresentação da peça “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu”. A obra, que faz uma releitura atual de Jesus Cristo vivendo como travesti - vivida pela atriz transexual Renata Carvalho -, estava prevista para ser apresentada na Mostra de Teatro Alternativa do Festival de Inverno de Garanhuns (FIG), em julho.

A decisão foi anunciada através de nota assinada pela Secretaria de Cultura do Estado, que alega, para o cancelamento, “possibilidade de prejuízos das parcerias estratégicas e nobres” que viabilizam o FIG. “O Festival de Inverno de Garanhuns foi criado para unir e divulgar nossas expressões culturais e não para dividir e estimular a cultura do ódio e do preconceito”.

Desde que a peça foi escalada para a programação do Festival de Inverno de Garanhuns (FIG) de 2018, muita discussão ocorreu questionando se a figura de Jesus

4

Disponível em <https://www.folhape.com.br/diversao/diversao/geral/2018/06/30/NWS,73484,71,480,DIVERSAO,2330-APOS-POLEMICA-GOVERNO-RETIRA-FIG-PECA-COM-JESUS-TRAVESTI.aspx>. Acesso em 18 fev. 2019.

poderia ser representada por uma travesti. Alguns religiosos⁵ e políticos da cidade do agreste pernambucano criticaram a proposta, mesmo sem conhecer o conteúdo da encenação artística. Como se observa no excerto acima, houve muita polêmica, e o governo de Pernambuco, através da Secretaria de Cultura do Estado, decidiu cancelar a apresentação, pois haveria, em suas palavras, a possibilidade de “prejuízos de parcerias estratégicas e nobres”. Ademais, em nota, a Secretaria de Cultura disse que o FIG foi criado para divulgar as expressões culturais e não “para dividir e estimular a cultura do ódio e do preconceito”.

Fica inscrito no fio do discurso, através da inserção do discurso outro, no caso os dizeres da Secretaria de Cultura de Pernambuco, que a exposição teatral daria um prejuízo financeiro de parcerias do FIG. Dessa forma, projeta-se um imaginário em que o capital financeiro se sobrepõe ao papel da arte em entreter e fazer refletir, impondo, por meio da legitimação da ideologia cristã, sentidos para a relação entre o gênero e a espiritualidade. Ademais, ao pontuar que o festival não visava estimular a cultura de ódio nem o preconceito, são produzidos sentidos para as pessoas que não conhecem (e que também não fazem questão de conhecer) o enredo da peça. Esta, com seu caráter “polêmico”, é que estimula os embates discursivos em torno dela, provocando atrito entre religiosos e políticos contrários à encenação de Jesus como uma pessoa trans e as pessoas que não veem isso como uma questão problemática. A cultura de ódio, na matéria, é tomada como discursos ofensivos, violentos e conservadores produzidos pelas pessoas que protestavam contra a realização da peça teatral. No entanto, quem sofreu as punições foram os idealizadores de “Jesus, a rainha do céu”, que foi interditada. Uma vez que, ao se dizer “x”, “y” é silenciado, como aponta Orlandi (2013, p. 81), explicando o funcionamento do silêncio constitutivo, parto para as análises dos comentários da matéria anterior a fim de observar como funcionam os silenciamentos no espaço de comentários. Nesse lugar, os sujeitos, sob a ilusão de tudo poder dizer, produzem, muitas vezes, discursos outros, que deslocam do tópico principal. Sobre o comentário, Foucault diz que ele é uma prática de controle de discursos, assim, “muitos textos maiores se confundem e desaparecem, e, por vezes, comentários vem tomar o primeiro lugar” (FOUCAULT [1970] 2014, p. 22), como poderemos analisar nos comentários onde se silencia o tema e a proposta da peça em questão. A seleção dos comentários seguintes foi feita pelos próprios sites através do algoritmo que evidencia os mais curtidos ou respondidos. Aqui, para as análises, os desmembraremos.

⁵O início da polêmica se deu quando o bispo da diocese de Garanhuns escreveu uma carta impondo que, se a peça fosse realizada no FIG, ele não cederia a catedral para o evento, o que gerou problema para FUNDARPE, que necessitava do espaço da igreja para a programação do FIG. E, assim, outros políticos e religiosos entraram nesse embate também.

SD2⁶

- 1 Democracia de verdade será quando a própria sociedade escolherá o que se deve fazer com os recursos públicos, enquanto isso não acontece, esses políticos e seus assessores ficam brigando entre si qual ideologia eles querem empurrar goela abaixo do povo utilizando o dinheiro que não lhes pertence.
Curtir · Responder · 33 sem
- 2 Hoje você foi contra é homofóbico, mas deveriam ao menos RESPEITAR Jesus Cristo, agora eu vou lhes dizer, Paulo Câmara é muito mal assessorado isto poderia ter sido evitado e ter lhe desgastado ainda mais.
Curtir · Responder · 2 · 33 sem
- 3 Parabéns Izaiast Respeito a Jesus é bom e nós cristãos gostamos.
Curtir · Responder · 32 sem
- 4 Tudo tem limite, até mesmo a liberdade artística. Se você tem o direito de se expressar artisticamente nas ruas e nos palcos da vida, isso não significa que você tem o direito de menosprezar, ridicularizar e zombar da fé das pessoas. Se para alguns Jesus Cristo não significa nada, para muitos, ou melhor, a maior parte da população brasileira ou até mesmo do mundo, considera, respeita, ama e tem fé no filho de Deus. Jesus Cristo é o único santo verdadeiro, porque ele não nasceu da carne. Ele foi obra do Espírito Santo de Deus e nasceu da virgem Maria. Sei que alguns não acreditam, mas, tenho certeza que o filho de Deus é reconhecido no mundo todo como a salvação da humanidade. Por isso, não devemos manchar a vida de Jesus Cristo em uma peça de teatro, como se ele não tivesse nenhuma importância ou simplesmente igualar o filho de Deus aos meros mortais aqui da terra. Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por ele amado!!!! Amém!!!!
Curtir · Responder · 32 sem
- 5 A desmoralização do Brasil é tão grande que nem Jesus Cristo escapa. Mais um gigantesco absurdo contra o filho de Deus que morreu na cruz por todos nós.
Curtir · Responder · 32 sem

Os comentários sobre a matéria serão agrupados em um mesmo campo de sentidos, pois apresentam críticas e argumentos semelhantes, contrários a apresentação artística encenada pela atriz Renata Carvalho.

Em 1, o sujeito-comentador diz que o povo não escolhe o que se deve fazer com o dinheiro público. Assim, fica silenciado que, se dependesse do povo em si, a peça não seria apresentada. Além disso, há uma crítica aos políticos pernambucanos, pois eles podem manipular os cidadãos escolhendo qual ideologia seria transmitida para eles com o uso do dinheiro público. Para este sujeito, ideologia é encarada como um conjunto de ideias passível de manipulação e que, conscientemente, seria escolhida para atuar ou não sobre os sujeitos. No entanto, pelo viés discursivo, a Ideologia, como afirma Pêcheux (1996, 1982], p. 148-149) é responsável por “uma rede de *verdades “subjetivas”* evidentes, com o “subjetivas” significando, aqui, não “que afetam o sujeito”, mas “em que o sujeito se constitui”. Esta consiste, portanto, como primado materialista, em práticas materiais, mas que são atravessadas pelo inconsciente e se materializam na linguagem. A ideologia, é, dessa forma, responsável pela evidência dos sentidos e dos sujeitos, como se sentidos e sujeitos fossem unos e que estes fossem responsáveis pelos seus dizeres.

Em 2, pela forma de denegação⁷, o sujeito diz que “não é homofobia”. Trata-se de uma observação sobre como não há respeito a Jesus associando-o a uma pessoa trans. Também é tecida uma crítica à política estadual pernambucana, que poderia ter evitado o transtorno de ter que cancelar a peça se não a tivesse deixado entrar na programação do festival. Vale ressaltar que, ao se dizer “homofobia”, além de um possível desconhecimento sobre as identidades de gênero, é também uma forma política de não dizer “transfobia” ou de reconhecer a identidade travesti como uma identidade transgênera feminina que não

⁶ Mesma referência da SD1.

⁷A denegação foi um termo proposto por Freud que diz respeito ao mecanismo de defesa do sujeito pelo qual ele exprime negativamente seu desejo ou ideias recalçadas, não reconhecendo como um desejo expresso de forma consciente anteriormente. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

corresponde ao gênero masculino, tal como designado ao nascer. Isto é, não está no campo da homofobia, e, sim, da transfobia, ainda que tal sujeito, sob a ilusão de dominar seu dizer, diga que não se trata de uma prática discriminatória. Há, dessa forma, Imposição de uma ideologia heteronormativa que silencia e iguala tudo o que é diferente.

Em 3, o prefeito de Garanhuns é parabenizado⁸. Diz-se que Izaías Régis empenhou-se bastante para que a peça não fosse apresentada na cidade que ele administra, pedindo o cancelamento da apresentação. Ao afirmarem que a peça não seria modificada, o prefeito declarou que não cederia o centro cultural onde “A rainha do céu” seria encenada. Com isso, o político pernambucano ganhou vários apoiadores, pois, para ele, “Garanhuns é uma cidade cristã”. E, como aponta o sujeito-comentador 3, deve-se respeitar Jesus, pois isso é importante para os cristãos.

Em 4, a liberdade artística é significada como um direito, mas que precisa ter limites, pois não se deve zombar de Jesus que, mesmo que muitos não acreditem, não nasceu da carne, mas do Espírito Santo e da Virgem Maria. Portanto, desse lugar, concebe-se que ele não deve ser igualado a meros mortais.

É, no mínimo, curioso perceber que, também no agreste pernambucano, e em diversos outros lugares, Jesus é encenado por outros artistas e isso não causou nenhuma polêmica como a aqui tratada. No teatro de Nova Jesuralem, na cidade de Brejo da Madre de Deus, todo ano, durante o período da paixão, Jesus é encenado por algum ator, no entanto, homem cisgênero (identidade de gênero que corresponde com a designada ao nascer), geralmente branco e de classe média. E essa encenação é vista e elogiada por milhares de pessoas, ao contrário do que é dito no comentário 5. Para o último comentador, tal peça comprova como o país está desmoralizado e que nem o filho de Deus, que morreu na cruz para salvar os fiéis, escapa de tamanha imoralidade.

Como demonstram as análises depreendidas, o que está em jogo nesse embate discursivo que se materializa nos comentários não é o conteúdo dessa peça nem a possibilidade de outros atores a encenarem, mas, sim, o fato de ser uma travesti a representar esse papel. Trata-se de um corpo que significa e é significado através da memória e de sentidos já-construídos, mas que também desloca sentidos, equivoca as evidências sobre gênero e corpo, que está na disputa pelo poder ser/poder dizer frente às formas de silenciamento. Nessa relação entre corpo e memória, Hashiguti assinala que

O corpo é um corpo de memória que determina e é determinado, no sentido de que é tanto corpo como espessura material do/no discurso, sendo assim materialidade determinante por sua visibilidade, quanto corpo de/na memória discursiva que constitui seus gestos, sendo assim corpo determinado. A memória de que se trata está no discurso que olha e diz o corpo e no gesto que o corpo realiza. A memória está no corpo e no olhar para ele, o que significa que ele é sempre corpo de memória (HASHIGUTI, 2008, p. 110).

Para a autora, o corpo é uma espessura material discursiva de memória no qual a memória discursiva é representada por gestos, características do corpo e do olhar do outro para ele. A noção de memória discursiva foi trabalhada por Pêcheux, para quem

⁸ Informações do corpo da matéria.

⁹ Vale ressaltar que ainda que o Estado seja laico, o *slogan* da campanha eleitoral do presidente Jair Bolsonaro foi “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, que retoma a rede de sentidos religiosa, que tem influenciado há algum tempo a política nacional.

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2015 [1983] p. 46).

Nesse sentido, o corpo travesti traz, pelos fios discursivos da memória, sentidos estabilizados e já-ditos sobre gênero e corpo. Além disso, traz materialidades significantes de corpos que foram/são lidos como pertencentes a uma identidade de gênero outra que não corresponde às identificações sociais dos sujeitos trans. Assim, os sentidos desestabilizados pela existência desses sujeitos e, também, os outros sentidos postos sobre masculinidade e feminilidade são silenciados por sujeitos conservadores que, embasados por discursos cristãos, visam à interdição dos sujeitos trans e dos seus discursos. Tal interdição é uma maneira de silenciamento dos/sobre os corpos trans, seja pela violência física e/ou verbal, como analisamos, também, na próxima matéria.

SD3¹⁰

Após polêmica, governo cancela exibição de peça com Jesus travesti no FIG

Cancelamento da peça 'O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu', que seria no dia 26 de julho, foi divulgado pela Secretaria de Cultura neste sábado (30)

Publicado em 30/06/2018, às 14h34



Monólogo interpretado pela atriz Renata Carvalho (foto) foi escrito por uma dramaturga transexual escocesa e trazido ao Brasil através de uma argentina radicada em São Paulo
Liliana Jardim/Divulgação

No *print* da matéria do *Jornal do Commercio*, há a imagem de Renata Carvalho interpretando Jesus, a cena é do momento da comunhão, momento pós liturgia, no qual a rainha do céu, assim como o Jesus bíblico, divide o pão e o vinho com os participantes da ceia. A peça, como diz a diretora Nathália Mallo em entrevista¹¹, segue a liturgia semelhante à missa¹², com liturgia da palavra, onde são reatualizadas algumas passagens bíblicas como as parábolas contadas por Jesus, louvor e comunhão. Além de trazer outras dizeres sobre a produção e adaptação de “Jesus, a rainha do céu”, o *Jornal do Commercio* também traz a formulação “após polêmica”, que seria instaurada pela peça, porém apagando as partes

¹⁰Disponível em <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/artes-cenicas/noticia/2018/06/30/apos-polemica-governo-cancela-exibicao-de-peca-com-jesus-travesti-no-fig-345337.php>. Acesso em 18 fev. 2019.

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=CCPaE2FjVTM>. Acesso em 27 jan. 2020.

¹² Seguimos, também, na organização desse artigo, a divisão em ritos litúrgicos da missa. Na tradição evangélica, a divisão dos cultos também é semelhante, porém, a comunhão é periodicamente, não em todos os cultos.

envolvidas nessa disputa de sentidos.

Partimos aos comentários realizados na página do site para analisar quais sentidos, corpos e ideologias estão em jogo na discursividade que neles se inscreve.

SD4¹³

6 Isso foi tudo arquitetado !!!! o plano desses caras é unicamente provocar os cristãos ficarem revoltados e irem nas redes sociais e reclamarem, com isso eles vem se fazer de coitadinhos e dizerem que os cristãos são intolerantes, preconceituosos etc...isso tudo foi minuciosamente planejado !!! Essa gente é de uma baixaza monstruosa !!!! o objetivo é uma única coisa, desmoralizar os cristãos !!! espero que a Santa Igreja Católica processe todos !!!!

7 Cada um escolhe sua própria religião. Cada um escolhe sua opção sexualmente. Cada um escolhe seu estilo de vida. É justo que não se imponha a maioria o que ela não deseja. Existem tantos temas interessantes que combinam com as festividades da época então porque impor discutir e brigar por um assunto que não se relaciona e nem contribui para engrandecer a maioria da expressão popular.

8 Jesus é Deus. E veio à terra em forma de homem. Deus é amor e fez homem e mulher. Isso são verdades bíblicas. Se você pertence a uma comunidade, seja LGBT, do candomblé, ou mesmo de outra religião, e não acredita nisso e nas palavras inseridas na Bíblia, então por que desrespeitá-la? É só pra causar? O fato de possuímos liberdade de expressão não nos dá o direito, creio, de interpretar a fé alheia à sua maneira, distorcendo os fatos.

Em 6, o comentador diz que “Jesus, a rainha do céu” tem como único propósito real a provocação aos cristãos para que estes reclamem e, assim, sejam chamados de intolerantes. Ao serem chamados de intolerantes, entende-se que eles poderiam ser desmoralizados. Aqui, portanto, é silenciado o objetivo da peça teatral de entreter e fazer refletir a temática de gênero e espiritualidade no contexto brasileiro.

Já em 7, o sujeito-comentador associa a escolha da própria religião das pessoas com a “opção” sexual e estilo de vida de cada um, levando em consideração, portanto, que a maioria não queria uma peça com a temática dessa. Além disso, para ele, haveria temas mais interessantes e pertinentes que não provocaria brigas e discussões. Nesse comentário, há dois pontos a se discutir. Mais uma vez a transexualidade é silenciada e/ assemelhada à sexualidade. No entanto, diz respeito à identidade de gênero, ou seja, há um apagamento dessa temática. Além disso, ainda há um discurso recorrente de que sexualidade estaria no campo das escolhas individuais do sujeito. Todavia, do ponto de vista discursivo, entendemos que esta, assim como o gênero, é uma construção social atravessada pelo imaginário, funcionando no batimento entre o inconsciente e a Ideologia.

No último comentário, Jesus é visto como homem, mas que também é Deus, como apontamos na introdução. Esse Deus é responsável pela criação do homem e da mulher. Portanto, por a divindade ser a criadora, advoga-se que não se deve distorcer os fatos em função da liberdade de expressão com intuito de desrespeitar a fé alheia. Assim, no dizer

¹³ Mesma referência de SD3.

desse sujeito, Jesus é homem, é Deus, fez o homem e a mulher. Nessa seara, ao pensar que Jesus é um homem (pessoa física), sob a ótica patriarcal que coloca a figura masculina como superior, o comentador deixa inscrito no seu discurso que o filho de Deus só poderia ser representado por homens, uma vez que esse fato é bíblico. A Bíblia, para estes sujeitos, é, então, significada como um domínio de saber, a fonte de autoridade sobre corpos e sujeitos. E, sob esse imaginário, coloca como da ordem do impossível uma mulher-trans ou mulher-cis ocupar o lugar de Jesus.

Nesses comentários, observamos o funcionamento do silêncio no discurso. Como aponta Orlandi (2013, p. 49), o silêncio impede o *non sens* pelo muito cheio, movimentando os sentidos. No entanto, na discursivização a partir da ferramenta de comentários, o *non-sens* se dá pelo excesso, fala-se da peça teatral destoando ou desconhecendo seu conteúdo e seus objetivos, assim, sentidos sobre o papel da arte, sobre o corpo, e, por conseguinte, sobre a transgeneridade como um tema social relevante são silenciados. Assim, ocorre o que a autora denomina como silêncio local, ou seja, a censura, a partir da qual determinados sentidos e sujeitos são interditados. Ademais, ao dizer que a peça é um desrespeito e ofensa aos cristãos, que determinados sujeitos não devem representar Jesus Cristo, por vias do silêncio constitutivo, silencia-se a transfobia e discriminação com os sujeitos trans que ocorre diariamente e que produziu sentidos no FIG.

Ritos Finais

Pelo funcionamento dos comentários nas duas matérias, observamos o funcionamento da interpelação a se dizer, proliferar inúmeros discursos. Diz-se muito, ao produzir discursos sobre o tema, mas os sentidos se deslocam, deixa-se de falar sobre arte e espiritualidade para falar-se de outros assuntos como política, corrupção, liberdade religiosa através da injunção ao dizer provocada pelas ferramentas “comentar”, “compartilhar”, que dão a esses sujeitos a sensação de poder dizer tudo.

No entanto, através desse excesso de dizeres, se põe em funcionamento a “Língua-de-espuma” (ORLANDI, 2013, p. 99), uma língua vazia, de sentidos imediatos, os quais não ecoam de forma progressista, mas funcionam de forma a reproduzir a ideologia religiosa e conservadora, silenciando, portanto, sentidos outros. Esse é, pois, um dos funcionamentos da política do silêncio que analisamos nesse trabalho.

Como formas de silenciamento em torno da peça teatral, observamos como ocorrem o silêncio constitutivo, se dizendo da suposta ofensa aos cristãos e a Jesus quando se representa esta entendida como/por uma travesti; e, também, o silêncio local, a censura da peça e dos sentidos que podem produzir um corpo trans. Uma vez que, como afirma Pêcheux (2015 [1983], p. 34), a normatização em universos logicamente estabilizados “começa com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos”. Então, o corpo trans, como lugar material onde se (re)produz a desestabilização de sentidos pré-construídos sobre o gênero, é também lugar de resistência, de onde é possível “não ‘escutar’ as ordens; não repetir as litânias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio” (PÊCHEUX, [1982b] 1990, p. 17).

Referências

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- BAKHTIN, M. M. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, M. M. **Questões de estética e literatura**: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1993. p. 71-210.
- COELHO, C. Sobre “isso é só falta de informação” ou “intolerância com erro dos outros”. **Transfeminismo**. Disponível em: <https://transfeminismo.com/sobre-isso-e-so-falta-de-informacao-ou-intolerancia-com-erro-dos-outros/>. Acesso em: 20 maio 2019.
- CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo** - tradução de João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves. 5ª ed., Vol 1. – Petrópolis: Vozes, 2012.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. (tradução de Raquel Ramallete). 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014 [1975].
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Sampaio. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- GELIS, J. O corpo, a Igreja e o sagrado. COURBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História do corpo** - tradução de João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves. 5ª ed., Vol 1. – Petrópolis: Vozes, 2012.
- HASHIGUTI, S. **Corpo de memória**. 2008. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- LEANDRO-FERREIRA, M. C. Discurso: conceito em movimento. *In*: LEANDRO-FERREIRA, M. C. **Oficinas de Análise do Discurso**: Conceitos em Movimento. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- PÊCHEUX, M. (1982b). Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução brasileira de José Horta Nunes. **Cad. Est. Ling.**, nº 19, Campinas, jul./dez, 1990, p. 7 - 24.
- PÊCHEUX, M. (1982) Os mecanismos do (des)conhecimento ideológico. *In*: ZIZEK, S. **Um mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- PÊCHEUX, M. (1975) **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, M. (1983) **O discurso**: Estrutura ou acontecimento. 7ª ed., Campinas: Pontes Editores, 2015.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. (tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães) Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. Dissertação de Mestrado. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.